

Koellreutter fala sobre “Café”*

O compositor não existe como reflexo
ou espelho do ser humano a meu ver.

Ele tem que ser coerente não só como criador de uma linguagem musical,
ou seja, um estilo, mas tem que ser coerente também na atuação
como ser humano e isso não é só o que eu acho:
“me esforço para viver de acordo com esse princípio”.

TIVE UM CONTATO muito breve com Mário de Andrade. Ele escreveu *Café* nos anos de 1933, 1939 e 1942. Há duas razões fundamentais que me motivaram a compor “Café”. Em primeiro lugar, por razão ideológica – por ser uma peça de tendência “socialista”. Depois, porque me apaixonei literalmente pela linguagem de Mário de Andrade, pela poética e musicalidade do poema. Sou sensível à linguagem, à Língua Portuguesa, pois para mim, a música resulta naturalmente do poema. Estou trabalhando agora no *Macunaíma*, do mesmo autor, e estudo-o sob este ponto de vista. Verdade é que escolhi *Café* para musicar quando estive morando no Japão.

Como já mencionado, sempre gostei da linguagem de Mário de Andrade. Durante minha estada no Japão, estudei *Café* sob esses mesmos pontos de vista. Procurei este texto devido ao conteúdo ideológico e me apaixonei mais uma vez pela linguagem do mestre. Estava a procura de um texto para uma ópera ou uma cantata. Então, encontrei *Café* e disse a mim mesmo que “essa é a linguagem que me motivará musical, rítmica e sonoramente”.

Também considero importante meu contato com o Terceiro Mundo e, neste sentido, *Café* é uma coisa típica da representação dos problemas desse setor. *Café* é uma tragédia, como disse Mário de Andrade, uma *tragédia secular* humana, que poderia ocorrer também em qualquer comunidade fora do Terceiro Mundo. Por isso dei a “Café” o subtítulo de “Os estivadores”.

* Oratório cênico em três atos, musicado pelo autor, durante o período em que residiu no Japão, a partir do texto escrito por Mário de Andrade.

A linguagem que escolhi para musicar *Café* é parcialmente modal (faz uma ligação com a personagem da mãe), tonal e ao mesmo tempo dodecafônica *não-rigorosa*. A partitura tem um caráter estático, próximo às partituras da Idade Média e da Renascença.

Há uma certa referência à obra de Piet Mondrian como “pano de fundo”. Em geral, a arte de Piet Mondrian influenciou-me muito no sentido de simplicidade das *proporções de relacionamentos*, das *distâncias* no espaço da composição entre silêncio e som, sendo que silêncio em “Café”, não é forçosamente *ausência* de som, mas também predominância de redundância e alguma coisa que talvez possamos chamar de *monotonia*.

Uso a *monotonia* como ênfase na linguagem do texto, pois ela tem justamente os aspectos que me motivaram a ir colocando cuidadosamente os elementos de *informação*, ou seja, os elementos que causam surpresa na composição.

A dodecafonia no entanto não é rigorosa; ocasionalmente são usados apenas trechos da série dodecafônica. Parto do conceito de que a composição deve ter a máxima expressão possível com a utilização do mínimo de elementos, sempre dentro de um princípio de simplicidade...

Particella

CAFFÉ
(Os estivadores)

Tragédia secular
de
Mário de Andrade

1 hora e 40'

"Café"

12

1.

Hino da fonte da vida

E vem, no delirio da vitoria, vem a
 Mãe no seu vestido vermelho extra
 calçado, um scio fudo à mocha, o
 lenço verde da cabeça caindo num
 do ombros, vem completamente louca,
 delirando, com uma enorme base-
 deira vermelha e branca nas mãos
 Acompanhamento ao piano (ostinato)

andamento a critério do intérprete
 Enxada: ♯
 vibr. band. ?

A Mãe:

mf solo
 Eu sou a fonte da vi-da

piano (antes ou com a voz)
 Do meu cor-po na-sce a te-ma

Na mi-nha bo-ca flo-re-see

acalmado

A pa-la-ra que se-rá

f a tempo

Eu sou a-que-la que di-se:

falado: Os homens serão unidos
 Se a terra deles nascida
 For poriso a qualque canção

f (poco agitato)

Eu o-dei-os que a-mon-to-am

Eu o-dei-os es-que-ci-dos

Que não pro-ram de-ste vi-velo

san-qui-neo das mul-ti-dões

É de-las que na-see a que-ma

(quasi falado)
E são a fon-te da mor-te

p a tempo
Eu sou a fon-te da vi-da:

mf
For-ça, a-mor, tra-ba-

llo. | *piano* | *piano* *ultima o*
tacet | *acompanamento*

f (poco agitato)

E si a for-ça es-mo-ral-
cer
E si o a-mor se dis-per-sar

E si o tra-ba-lho pa-rar

a tempo

E a paz for gô-zo de por-tos

Eu sou a-que-la que di-sse:

p

Eu sou a fonte da vi-da

Não con-ta-se se-gre-do aos gran-des

pp *più lento*

pp E sem-pre re-na-sce-rás.

Piano

Plateia (meia-voz!):

Força!... Amor!... Trabalho!

..... Paz!